



<https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2024.1.44189>

SEÇÃO: MÚSICA

## O incômodo da música ambiente

*Annoying background music*

*La molestia de la música de fondo*

**Felipe Trotta**

[orcid.org/0000-0003-4142-4064](https://orcid.org/0000-0003-4142-4064)

[trotta.felipe@gmail.com](mailto:trotta.felipe@gmail.com)

**Recebido em:** 2 jan. 2023.

**Aprovado em:** 29 jun. 2023.

**Publicado em:** 08 fev. 2024.

**Resumo:** A grande presença de música em ambientes públicos fechados é uma marca de nossa sociedade contemporânea. Usualmente a sonorização de espaços com música é pensada como forma de alterar o clima geral do ambiente positivamente, conferindo ao local um perfil simbólico e emocional desejado. No entanto, muitas vezes os indivíduos que frequentam tais espaços são mobilizados negativamente com a música ambiente, deflagrando insatisfações e incômodos. A partir de dezenas de entrevistas realizadas sobre incômodos musicais, o artigo discute as dimensões afetivas e os efeitos da música ambiente em variados espaços sociais, destacando que a música ambiente muitas vezes produz sensações desagradáveis e até mesmo afugenta determinadas pessoas de tais locais.

**Palavras-chave:** música ambiente; incômodos musicais; conflitos; espaço público.

**Abstract:** The ubiquitous presence of music in closed public environments is a defining characteristic of our contemporary society. Usually the sonorization of places with music is thought of as a way of positively changing the general climate of the environment, giving the place a desired symbolic and emotional ambience. However, individuals who frequent such spaces are often negatively mobilized by ambient music, triggering dissatisfaction and discomfort. Based on dozens of interviews about musical discomforts, the article discusses the affective dimensions and effects of ambient music in various social spaces, highlighting that ambient music often produces unpleasant sensations and even keep some individuals away from such places.

**Keywords:** background music; annoying music; conflict; public space.

**Resumen:** La gran presencia de la música en ambientes públicos cerrados es una marca de nuestra sociedad contemporánea. Habitualmente se piensa en la sonorización de espacios con música como una forma de cambiar positivamente el clima general del entorno, dotando al lugar de un perfil simbólico y emocional deseado. Sin embargo, las personas que frecuentan dichos espacios a menudo se movilizan negativamente por la música ambiental, lo que desencadena insatisfacción e incomodidad. Basado en decenas de entrevistas sobre malestares musicales, el artículo discute las dimensiones afectivas y los efectos de la música ambiental en varios espacios sociales, destacando que la música ambiental a menudo produce sensaciones desagradables e incluso ahuyenta a ciertas personas de esos lugares.

**Palabras-clave:** música ambiente; incómodos musicales; conflicto; espacio público.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Introdução

Não é difícil imaginar que a maioria das pessoas já experimentou a desagradável sensação de estar em um espaço físico e ser forçado(a) a ouvir uma música ou um som incômodo. Essa experiência é parte de nossa vida cotidiana quando frequentamos restaurantes, lojas, supermercados, bares, e até mesmo em transportes coletivos ou andando pelas ruas. A ubiquidade da presença musical no meio ambiente (KASSABIAN, 2013), intensificada enormemente nas últimas décadas por conta da progressiva portabilidade de aparelhos reprodutores, é uma realidade que, muitas vezes, torna-se profundamente perturbadora. Um dos vetores importantes dessa potência negativa da música em espaços físicos determinados é o volume. É interessante observar que a palavra "volume" é usada em muitos idiomas (português, inglês, francês, espanhol e possivelmente em outros idiomas) tanto para se referir à quantidade de espaço que um corpo ocupa quanto à altura em que um som é tocado e ouvido. Som e espaço estão emaranhados não apenas no sentido da energia vibracional da propagação das ondas sonoras, mas também no sentido subjetivo de ser afetado, agrado ou incomodado por qualquer som, incluindo música e eventos sonoros "não musicais".

Este artigo será focado nos casos em que o ouvinte compartilha o mesmo espaço físico da fonte sonora. Baseado em uma pesquisa de mais de cinco anos de duração, na qual foram realizadas cerca de 70 entrevistas, o texto busca desvelar vetores de incômodo musical e sonoro a partir de relatos pessoais. As entrevistas foram realizadas no Brasil (Rio de Janeiro) e na Escócia (Edimburgo), mas referem-se a diversas outras localidades acionadas na reconstrução de memórias desagradáveis das(os) entrevistadas(os). Convidadas a recordar situações nas quais a música ambiente se tornou um elemento de incômodo, as pessoas recordam de situações e momentos de sua vida que recorrentemente se localizam em passados e locais distantes. Um dos entrevistados, Alec, músico argentino de 34 anos, morando há mais de cinco anos na Escócia,

descreveu, por exemplo, uma viagem de carro que realizou por conta de um concerto com um colega com quem não tinha muita intimidade. A disputa do som no carro foi um elemento de tensão durante as duas horas de viagem, ida e volta, que reforçou uma falta de sintonia inclusive durante a performance artística dos dois. Em suas palavras:

*E ele colocou uma música pop horrível bem alta, que acabou por enfatizar a desconexão que sentimos durante todo o dia. Mas também o fato de estar preso no carro, escuro, à noite, com música alta e desagradável. Honestamente, por um momento, senti uma espécie de náusea. Eu realmente senti algo no estômago pensando "esta é uma experiência tão desagradável". Ele é uma pessoa legal, não tenho nada contra ele, mas foi só essa falta de conexão que vinha acontecendo o dia todo e não só com ele, mas com toda a situação (ALEC, 03/02/2018).*

Sua descrição expõe de forma transparente as dificuldades de ser obrigado a ouvir músicas que você não gosta ou não quer ouvir em um local fechado. Neste caso, reconhece que seu colega-condutor teria o direito de escolher a música, modulando o corpo, a vigilância, a atenção e o estado de espírito geral da sua atividade de direção noturna. A música, então, funciona como um dispositivo de autorregulação, escolhido para construir respostas corporais adequadas (DENORA, 2000). Mas, depois de um dia de trabalho difícil, no qual a comunicação entre eles pareceu não ter funcionado direito, a experiência musical acentuou esse desengajamento. A história de Alec aponta para a ligação indissociável entre os sentimentos e o corpo, incluindo também potenciais danos físicos. Não se trata simplesmente de uma questão de divergência de gosto que o fez ser forçado a suportar a "música pop horrível", mas a náusea provocada pela música forçada evidencia que a música pode ser um dispositivo para induzir ansiedade e estresse. Talvez seja possível classificar Alec como "ouvinte profundo", nos termos de Judith Becker (2004, p. 8). Em seu estudo sobre transe, Becker (2004, p. 54) sugere que algumas pessoas são mais propensas a ter reações intensas ao ouvir música, o que pode "resultar em calafrios ou lágrimas, mudanças nos

batimentos cardíacos, na temperatura da pele, na respiração e na química do cérebro". O que estou tentando argumentar aqui é que todas essas reações corporais intensas à música também podem acontecer em ouvintes não profundos, mas em um nível inferior. O carro é, talvez, um exemplo extremo de uma situação cotidiana que enfrentamos em nossas vidas, tendo que suportar músicas desagradáveis em locais públicos, festas, lojas e restaurantes.

### Música ambiente em espaços públicos fechados

Os espaços públicos são, por definição, espaços que podem ser ocupados por todos. Idealmente, eles não têm restrição de entrada e são projetados para serem usados com um objetivo específico. Alguns exemplos se enquadram justamente nessa definição como praças, ruas, praias e parques: usualmente espaços ao ar livre abertos a todos os cidadãos. Nesses locais, os conflitos entre música e som estão relacionados ao uso pessoal do espaço para lazer. Se o incômodo for muito intenso, a maior parte dos entrevistados relata simplesmente mudar de lugar para ficar longe da fonte sonora, e a diversão do dia dificilmente será comprometida por esses sons indesejados.

No entanto, existem alguns lugares que são concebidos para serem "públicos" em seu uso, mas são "privados" em sua propriedade. Nesses casos, a ideia de "público" tem a ver com seu uso generalizado, mas se confunde com a ideia de privacidade no sentido de propriedade. Supermercados, centros comerciais, lojas e restaurantes, por exemplo, são os locais concebidos para uso público, mas são propriedade de alguém que define as regras aceitas em seu interior. Dentro de suas paredes, o poder de escolher a música e controlar o ambiente sonoro está totalmente nas mãos deste(a) proprietário(a) ou gerente. Ou seja, nesses espaços, a música que preenche o ambiente é definida de acordo com os gostos e intenções dessa pessoa. E isso pode ser bastante irritante para alguns frequentadores/clientes. Anthony, empresário de 64 anos, apresenta uma interpretação bastante elaborada da situação.

Gosto obviamente de escolher a *minha música* porque, como a maioria das pessoas, tenho os meus próprios gostos musicais. Eu particularmente não gosto de ter música imposta a mim, música que eu não escolhi, que ocorre na maior parte da vida moderna com o 'musak'. Ou eu chamo de *barulho de fundo*, alguns chamam de *música de elevador*. Onde quer que você vá hoje em dia, nas lojas, nos ônibus e trens, aeroportos, é quase impossível fugir de algum tipo de "música" *laspas assinaladas com as mãos*]. A música você não escolheu, e muitas vezes é uma música que eu particularmente não quero. E não é que eu só queira a *música*, não quero necessariamente nenhum barulho de fundo, seja música ou não, em muitas situações. Prefiro ter um pouco de paz e sossego. Quando estou cuidando dos meus negócios, [quando vou] sentar em um *lounge* em algum lugar ou mesmo em um ônibus, às vezes é bom ter um pouco de paz e sossego. Mas no mundo moderno isso parece cada vez mais difícil de conseguir (ANTHONY, 15/12/2017).

A questão da escolha é muito importante aqui. Não só a escolha da música a ser tocada, mas também a escolha do momento adequado para tocá-la, ou não. Notem que Anthony se refere à música como "dele", matizando uma apropriação afetiva das músicas que gostamos, o que é bastante comum. A "sua" música contrasta, portanto, com a música "do outro" (TROTТА, 2020, p. 191). Além disso, é muito interessante como ele desloca a definição do som indesejado entre os conceitos de "música" e "barulho". Ao recursar a classificação de "música" relacionada ao fundo, o termo "barulho" é utilizado para destacar seu audível desconforto com a situação. O vocabulário aplicado para se referir à experiência musical desagradável revela não somente as expectativas, mas também julgamentos de valor sobre a música ouvida. Seu desejo de quietude é definido como uma ambiência sonora de "paz", palavra que também tem poderosas possibilidades de desvendar os estragos que um som pode causar. O oposto de "paz" é "guerra", ou, menos intenso, "conflito", o que abre caminho para um intrigante campo semântico da violência. O "barulho" é um som que invade seu espaço pessoal e perturba sua "paz".

O relato de Anthony menciona especificamente a palavra "musak". Musak é o nome de uma empresa americana especializada em música ambiente, que fornece gravações para diversas lojas e locais desde a década de 1930. De nome

de marca, tornou-se um substantivo comum usado para se referir ao tipo de música que a empresa produzia, baseada na ideia de "escuta fácil". Apesar do sucesso e do uso generalizado do termo "musak" para se referir a qualquer música de fundo, a ideia de que a música remodela lugares e ambientes vai além da empresa e de seus produtos. Em seu livro *Elevator music*, Joseph Lanza (2004) recupera uma longa história da música ambiente, percorrendo exemplos da Odisseia de Homero e da mitologia grega, passando pela música medieval e clássica e chegando nos séculos XIX e XX com a explosão da música ambiente no cotidiano. Reforçando a percepção de Anthony sobre a onipresença da música, Lanza (2004, p. 2) afirma que

[...] à medida que proliferam restaurantes, elevadores, shoppings, supermercados, complexos de escritórios, aeroportos, saguões, hotéis e parques temáticos, a música fácil de ouvir necessária para preencher esses espaços torna-se cada vez mais um alimento básico em nossa dieta social.

Numa visão abertamente positiva sobre o fenômeno, ele argumenta que a música de fundo "nos faz sentir mais relaxados, contemplativos, distraídos dos problemas e propensos a assobiar sobre tarefas que poderíamos achar insuportáveis se forçados a sofrer em silêncio" (LANZA, 2004, p. 3). Embora mencione algumas críticas dirigidas à música de fundo, Lanza mostra-se entusiasmado com o seu poder de definir e ambientar os espaços sociais, modelando o ambiente afetivo. Uma vez que a música pode ser considerada um "material cultural através do qual se constroem 'cenas'" (DENORA, 2000, p. 123), ela é escolhida para criar uma ambientação adequada à experiência de compra, para manipular a percepção do tempo em salas de espera de trens ou rodoviárias bem como nos telefonemas da empresa, para intensificar as ligações entre espaços e identidades, ideias e pensamentos.

No entanto, numa abordagem menos otimista, podemos argumentar que em todas essas situações, o que ocorre é, de fato, uma escuta forçada, e as respostas a isso nem sempre são positivas. Na sequência da entrevista, Anthony relatou uma

cena recente de uma pescaria na Amazônia que ele havia feito alguns dias antes de nosso encontro, quando reclamou da música de fundo.

*Assim que chegamos ao barco, havia um grande alto-falante no bar e estava tocando música. E eu realmente disse para as pessoas que estavam lá comigo "você gosta desse barulho de fundo?". E todos disseram "não". Mas eles quase pareciam não ter consciência disso. E eu disse ao jovem barman "olha, você poderia me fazer um favor? Abaixar o volume ou, melhor ainda, desligue". E ele disse, "claro, você é o cliente". E ele desligou e eu acho que ninguém percebeu que ele desligou. Se eu perguntasse o que eles ouviram, provavelmente não saberiam!" (ANTHONY, 15/12/2017).*

Embora Anthony tenha certeza de que ninguém percebeu que a música havia parado, essa é obviamente uma declaração controversa. Em vez disso, é mais provável que as pessoas no barco estivessem fazendo o que Anahid Kassabian (2013, p. 18) chama de "escuta ubíqua", um modo de escuta que é feito em conjunto com outras atividades, geralmente como uma atividade secundária. Ainda assim, segundo a autora, esse modo de escuta tem o poder de "modular nossas capacidades atencionais, sintonizar nossas relações afetivas com categorias identitárias, condicionar nossa participação em campos de subjetividade" (KASSABIAN, 2013, p. 96). Foi por isso que a música irritou Anthony e possivelmente também por isso que outras pessoas no barco não se importaram em ter o ambiente alterado pela interrupção da música. O que poderia ter acontecido na cena do barco, em vez disso, é que o local era flexível o suficiente para assumir um ambiente sonoro ou um ambiente não sonorizado. Seria difícil afirmar se os outros passageiros perceberam ou não a interrupção da música, embora obviamente o ambiente geral do bar do barco provavelmente tenha mudado profundamente depois que a música parou.

Outro aspecto que a narrativa de Anthony levanta é a presença da música como elemento perturbador em um lugar onde as pessoas deveriam conversar umas com as outras. As duas atividades sonoras (música e fala) disputam nossa atenção cerebral, tornando a *gestalt* sonora uma tarefa árdua. A estudante de Taiwan Yu-fen, de 21 anos, relata uma sensação semelhante em *pubs* no Reino Unido:

*Quando vamos conversar com amigos, leu gosto del procurar um espaço mais sossegado, onde possamos conversar tranquilamente num volume normal, que não precisemos gritar uns com os outros. Um espaço agradável para as pessoas relaxarem e conversarem. O que realmente não gosto é de música muito alta, um volume alto me deixa muito nervosa. Eu sinto que não posso ir propriamente em um pub aqui. Eu realmente não entendo muito bem por que as pessoas estão sempre fazendo eventos sociais no pub, porque não acho que seja um ambiente adequado para as pessoas conversarem de maneira confortável. Normalmente, sinto-me bastante cansada depois de longas horas quando entro e acabo saindo mais cedo. Eu simplesmente não consigo ficar em um ambiente muito barulhento por muito tempo, eu simplesmente me canso muito facilmente (YU-FEN, 05/08/2018).*

Assim como o episódio do carro descrito por Alec, Yu-fen também se declara fisicamente afetada pelo ambiente "barulhento" dos bares que chama sua atenção enquanto ela tenta conversar. A música em lugares como este é, para ela, "barulho" em sua definição comunicativa, algo que interrompe ou interfere no curso normal da conversa. Outro aspecto importante é como a música age em seu corpo, produzindo cansaço. Ao exigir uma concentração mais intensa para conseguir acompanhar as conversas entremeadas por música alta, Yu-fen mobiliza sua atenção em um esforço significativo, sentindo-se exaurida. Esse componente corporal é fundamental nas reflexões sobre a música ambiente. A música modifica nossos batimentos cardíacos, nosso ritmo corporal e impõe comportamentos específicos (como falar mais alto), estabelecendo-se como elemento impositivo em um determinado ambiente (TROTТА, 2020); e isso pode ser bastante cansativo. Janet, funcionária pública aposentada de 68 anos, descreve uma situação em uma agência bancária onde a música foi intencionalmente usada para evitar o vazamento de conversas para outros auditores.

*Um dia fui ao banco e o som estava muito alto. E eu não conseguia ouvir o que a moça estava me dizendo. E eu disse "Por quê? Eu tenho que reclamar dessa música, sei que a culpa não é sua, que deve ser uma decisão de marketing". E ela disse "é para privacidade". Mas eu disse "não é privado porque você tem que levantar a voz para falar comigo e eu estou levantando a voz para falar com você. Então não é ajuda na privacidade". É a política do banco. Na verdade,*

*escrevi para o banco e recebi uma resposta, mas era apenas um protocolar. Eu fiz questão de reclamar apenas por causa do problema de audição para mim, mas pode ser um problema de saúde para pessoas com deficiência auditiva e também pode angustiar pessoas com autismo, problemas de saúde mental. A música era tão insignificante, provavelmente era uma música bastante moderna, um rap ou coisa assim. Mas a resposta foi "bem, não vamos alterar nosso comportamento. Porque ninguém mais reclamou disso" (JANET, 14/08/2017).*

A justificativa do banco para tocar música alta revela um modo autoritário de tomada de decisão em várias cadeias diferentes. A política adotada é decidida por alguém nos cargos mais altos da organização da corporação e os motivos dessa escolha nunca são claros para os funcionários da ponta. Como consequência, eles têm que lidar com a música em sua vida diária e responder protocolarmente às perguntas dos clientes. Porém, em locais menores, o responsável pela escolha está mais próximo, podendo eventualmente discutir diretamente com ele. Dorothy relatou um desses casos.

*Veja, você vai a um café para encontrar um amigo. E eu não me importo com a música de fundo, no volume certo. Mas estávamos nesse café e o som estava muito alto. Então, apenas perguntamos se ele não se importaria em desligar ou abaixar. Não nos importariamos que fosse música [tocando], mas se estiver explodindo, você não conseguiria se ouvir falando. A gente tinha que gritar. [...] A música era ok, eu até gostava, mas estava tão alto que eu e meu amigo tivemos que gritar. Não é muito agradável. Talvez seja para dizer que estamos envelhecendo, os mais jovens não se incomodam. Você sabe, os jovens não se importam com isso. Quer dizer, eu gosto de música, mas é só sobre a situação, porque queríamos conversar (DOROTHY, 09/09/2017).*

Como muitos entrevistados, Dorothy está relativamente certa de que o tipo de música tocada não importa tanto quanto o momento e o volume inadequados. Na entrevista, ela relatou que começou a se incomodar quando se aposentou e passou a frequentar mais espaços públicos em seu tempo livre. Agora com 67 anos, ela lidera uma companhia intitulada "Quiet Scotland" que busca agir politicamente para "conscientizar" os donos de espaços fechados a evitar o uso de música ambiente. Em sua percepção, a música altera o ambiente de tal forma que qualquer

coisa tocada é incômoda. Além disso, a música a fazia sentir sua própria individualidade como mulher idosa, marcando uma possível diferença de geração entre ela e os jovens. De fato, as entrevistas feitas a pessoas com mais de 50 ou 60 anos revelam que a maioria tende a se incomodar mais com música alta em espaços públicos. Isso se deve em parte às alterações físicas da audição ao longo do processo de envelhecimento (CRUICKSHANKS *et al.*, 1998), mas também a uma disposição particular desenvolvida pelas pessoas em relação ao som na vida cotidiana. Ainda assim, pessoas mais jovens, como Yu-fen, também podem se sentir incomodadas com a música em locais públicos. A adolescente Catarina, de 15 anos, por exemplo, relata uma cena que vivenciou com frequência em um clube de classe média alta de sua cidade natal, Salvador:

*Gosto de ir a um clube que tem piscina e passar o dia inteiro tomando sol e tal. E as pessoas trazem seus próprios alto-falantes. Isso me incomoda muito e peço ao garçom que peça para desligarem a música. É um lugar que todos estão curtindo e tocar sua própria música não faz o menor sentido. Esse é um local público, quer dizer, não é público, é só para os sócios do clube, mas é um local que muitas pessoas frequentam. E algumas pessoas desligam, sentem vergonha de alguém ter reclamado. Provavelmente eles desligam por causa do constrangimento pelo fato de o garçom ter que pedir para eles fazerem isso, não porque eles perceberam que estavam incomodando. Se ninguém tivesse perguntado, eles não desligariam. Se fosse música que eu gostasse, não pediria para desligar. Mas eu não reclamaria se alguém pedisse para desligá-lo (CATARINA, 05/11/2017).*

Assim como o gênero, a idade funciona como um importante elemento que propicia algumas tendências na música e no incômodo sonoro, embora seja muito difícil traçar uma relação causal direta entre os anos de vida e o nível de irritação despertado pela música. Como podemos observar no relato de Catarina, adolescentes muito jovens podem se incomodar com a música de outra pessoa se o local e o momento forem julgados inadequados para a propagação do som. Novamente, a música de fundo funciona como um mecanismo de controle, modulando o corpo e os sentimentos de todos ao redor. Mais do que uma questão de idade, talvez valha

a pena pensar na disposição do ouvinte, que envolve não só as expectativas e o gosto, mas, principalmente, uma avaliação muito complexa de um julgamento sobre a adequação em cada situação de escuta forçada. Como ela mencionou, alguém tocando uma música que ela gosta, mesmo que considerada inadequada ao local e momento, não a faria pedir a intermediação do garçom para pedir que parasse. O incômodo musical não é independente da avaliação e gosto pessoal, e o tipo de música, juntamente com a sonoridade e o julgamento de adequação são elementos emaranhados na experiência sonora. O que estou querendo destacar é que a avaliação da música em espaços públicos fechados é resultado de várias camadas de interpretações e disposições do ouvinte. A ideia de controle é um aspecto central desse processo.

### Lojas: marcas sonoras

A ética e a economia de controle em locais públicos pertencentes e administrados por alguém são particularmente controversas no setor de varejo. Shopping centers e lojas em geral utilizam a música como elemento de identidade, que tanto ajuda a manter a marca na cabeça do cliente quanto cria clima dentro de seus domínios. Em estudo feito em 11 lojas de uma pequena cidade da Inglaterra, Tia DeNora e Sophie Belcher (DENORA, 2000, p. 136) constataram que a música era empregada como um recurso "para criar e potencializar a especificidade da cena" (DENORA, 2000, p. 138) associada à marca da loja, que visava "estruturar o ambiente estético e, através desta, a conduta emocional dos consumidores" (DENORA, 2000, p. 138). Vários estudos na área de psicologia da música demonstram que a música influencia comportamentos em situações de compras. Areni e Kim (1993), por exemplo, realizaram pesquisa em uma loja de vinhos na qual concluíram que as pessoas gastam três vezes mais dinheiro ouvindo música clássica de fundo do que ouvindo sucessos do universo pop. Segundo eles, uma possível interpretação desse resultado é que "a música clássica pode ter



comunicado uma atmosfera sofisticada e de classe alta, sugerindo que apenas mercadorias caras deveriam ser consideradas" (ARENI; KIM, 1993, p. 338).

Recentemente, North, Hargreaves e Krause (2016, p. 793) revisaram parte dos estudos sobre a relação da música com o comportamento do consumidor e afirmam que este opera em uma tensão entre "aproximação" (permanecer no local, explorar o ambiente, facilitar a comunicação interpessoal) e "evitação" (sair do local, evitar mexer ou tocar, impedindo a comunicação interpessoal). Embora a música seja (quase) sempre tocada nas lojas com a intenção de produzir "aproximação", em muitos casos, a reação dos consumidores é a repulsa, fazendo com que as pessoas deixem o local exatamente para fugir da música. Questionado sobre se a música pode ser irritante, por exemplo, o servidor público aposentado Laurence Howells, de 61 anos, começou a falar sobre o que chamou de "síndrome sombria do shopping". Como músico formado, ele reclama da "qualidade" da música nas lojas.

*Quer dizer, é o shopping como um todo, a coisa do shopping mesmo. A atitude deles em relação à música é tão ruim quanto a atitude deles em relação ao ambiente físico, à temperatura da sala, como tratam as pessoas. Tende a ser triste; não é comunicativo. Você vai lá nessa época e fica ouvindo pessoas cantando canções de Natal no sistema de rádio. Para mim, o problema é que os arranjos são muito ruins. É uma falta de qualquer propósito por trás da música que está sendo tocada além do propósito de encobrir o fato de que as pessoas estão conversando e manipular o que está acontecendo nesses templos. Mas eu não vou a esses lugares! (LAURENCE, 01/12/2017).*

Para Laurence, a evitação é o sentimento dominante em relação à música de fundo, entendida sempre como algo politicamente prejudicial e artisticamente ruim. A sua argumentação vai ao encontro das habituais críticas dirigidas à música de fundo, contrapondo-a a práticas musicais que poderiam de alguma forma estar associadas à ideia de "arte". Como Joseph Lanza (2004, p. 2) coloca, uma vez que você simplesmente menciona palavras como "facilidade de ouvir" ou "música de fundo", "muitos críticos vão atacar com julgamentos como 'chato', 'desumanizado',

'enfadonho', 'cafona' e (insulto dos insultos) 'música de elevador'". Laurence seria certamente um desses. Para o entrevistado, a música tocada em um espaço semipúblico para um mero preenchendo sonoro ocupa um papel secundário nas atividades sociais como jantar, fazer compras ou esperar. Portanto, em sua visão, ela perde seu propósito, e isso o irrita. Seu desconforto tem a ver com a suposta baixa qualidade da música tocada e também com sua vulnerabilidade aos poderes de manipulação de som e música de outras pessoas em alguns locais. Essa ideia é compartilhada por Nigel Richard, um músico escocês de 69 anos.

*Provavelmente uma das coisas mais irritantes é que todo o nosso modo de vida tem uma trilha sonora. Ela está onde quer que você vá. Então, se você está no canteiro de obras, o marceneiro ao seu lado está tocando o que quer que seja na Rádio One. Se você vai a um churrasco, eles estão tocando um tipo de música. Por cerca de três meses antes do Natal, em todas as lojas de departamento, eles tocam "Rudolph the Red-Nosed Reindeer" ou algo assim. Quase nunca essas coisas são realmente os originais! É uma cópia para reduzir a quantidade de dinheiro que a empresa tem que pagar para as pessoas que fizeram a música original. Mas é horrível que nossas vidas sejam cercadas por som. Não digo isso como alguém que se considera um músico. E eu não ouço muita música. Eu acho que se você vai apreciar a música, você tem que realmente apreciar em silêncio. Para ouvir o que está acontecendo. Se você apenas for como fundo, é essencialmente como ruído branco (NIGEL, 11/09/2017).*

Nigel e Laurence compartilham algumas reflexões sobre qual seria a maneira adequada de se ouvir música, exigindo não apenas atenção, mas também um ambiente acústico específico para alcançar a audição "certa". Como músicos da mesma geração, suas disposições como ouvintes são enquadradas de forma semelhante, evitando práticas musicais utilitárias e criadoras de humores específicos. Como a música se tornou parte integrante do "ambiente artificial do setor varejista como climatização, iluminação e design de interiores" (DENORA, 2000, p. 132), eles lamentam o fato de ela ser usada dentro desses locais apenas para controlar o clima do público. E esse controle costuma ser ouvido como algo intrusivo e desagradável. Isabel, professora de

história de 39 anos, descreve uma enorme irritação ao se dar conta de estar sendo manipulada pela música dos shoppings.

*Um caso foi no shopping. Foi numa época, acho que era uma espécie de aniversário do shopping, e eles contrataram um DJ que estava na entrada tocando músicas. E não eram necessariamente músicas que eu não gostava. Mas eu tinha acabado de chegar de uma viagem a Teresópolis, contato com a natureza, só o som dos bichos, dos pássaros, um lugar onde você pode ouvir o barulho dos grilos a noite, é como se sua audição tivesse se transformado. Assim que cheguei, tinha que fazer alguma coisa no shopping e entrei e lá estava aquilo, atrapalhando todo o meu corpo. Comecei a sentir que meu coração estava acelerado, que me fazia reverberar. E eu estava extremamente desconfortável e não conseguia mais fazer compras. Eu simplesmente não podia ficar no shopping. Eu tive que sair. (ISABEL, 08/07/2017).*

O clima distinto entre o aniversário do shopping e seu humor bucólico após uma bela viagem às montanhas teve consequências físicas sobre ela. As emoções desencadeadas pelo som e pela música são respostas psicológicas e físicas ao estímulo auditivo e são processadas de acordo com as expectativas e momentos. No caso, a escuta forçada, julgada inadequada por sua disposição, provocou incômodos em sua mente e corpo, expulsando-a do local.

O ambiente das lojas e das compras também é determinado pelo calendário do ano, que determina mudanças sazonais e momentos em que as vendas devem crescer. Particularmente sensível em termos de ambiente sonoro é a época de Natal. Em muitas partes do mundo ocidental, o Natal representa uma época para comprar presentes em uma atmosfera de caridade e votos de bem-estar. A música é um forte artefato desse sentimento sazonal, geralmente ocupado por um repertório de canções natalinas que muitas vezes abordam desejos interpessoais positivos. No entanto, a onipresença de algumas músicas durante as semanas anteriores à noite de Natal em todos os cantos das ruas e especialmente nos locais de venda é repetidamente relatada como algo irritante. Entrevistei Janet em um dia cinzento no início de dezembro, em Edimburgo.

*A música natalina, claro, está na mira do momento, que é realmente irritante. Só porque é uma música de Natal alta e enraizada, as mesmas faixas antigas são reproduzidas indefinidamente. Como se você não soubesse que é Natal. Quero dizer, conheço muitas pessoas que reclamam da música de Natal. Se você não está se sentindo no clima de Natal, é irritante (JANET, 04/10/2017),*

Uma coisa importante que Janet aborda é a ideia de uma incompatibilidade de humor. Claro, se você for às compras em dezembro para comprar presentes com o espírito natalino, a trilha sonora imposta pelas músicas natalinas pode incomodá-lo em algum momento, mas você de algum modo está preparado para isso. No entanto, você pode simplesmente não estar afinado com o clima natalino. Nesse caso, a experiência da música forçada é imposta e tem forte probabilidade de irritar, como afirma Janet. O controle do humor por meio de som e música pode ser altamente invasivo e irritante. Além disso, Janet apontou duas questões que também foram mencionadas por outros entrevistados que reclamaram da música natalina. A primeira tem a ver com a repetição. O número limitado de músicas repetidas nas lojas é irritante por si só. Além disso, algumas lojas tocavam a música alto o suficiente para pegar os consumidores que passavam, com alto-falantes direcionados para a rua. A intenção é ambientar a estação através de um determinado repertório de canções ("Jingle Bells", o famoso disco da Simone, "Happy Xmas", de Lennon, entre outras) que possam combinar com a decoração de ruas e casas, árvores de Natal por toda parte e a suposta fé em um mundo melhor. Isso se soma ao fato de que a maioria das músicas de Natal emprega certos procedimentos e elementos musicais (melodias e harmonias diatônicas, som de teclado semelhante a um xilofone sintetizado, ritmo suave de batida para cima e assim por diante) que fazem com que todos soem semelhantes.

O segundo incômodo que algumas pessoas sentem em relação à música natalina é a cadeia consumista que é desencadeada pelos sons. De acordo com esse pensamento causal, é Natal, então você deve se sentir solidário com os



outros, fazer doações para os pobres e gastar dinheiro para dar presentes para seus entes queridos. Você deve dar presentes tão caros quanto puder para demonstrar seu amor e seus bons sentimentos. Se você tem filhos na família, os brinquedos e a felicidade para eles podem ser adquiridos no mercado capitalista disponível em cada cantinho decorado com o capuz vermelho do Papai Noel. A música está em todas as lojas para lembrar que você deve comprar o presente de seus filhos, comprar a decoração mais nova, comprar cartões de Natal, comprar. A música natalina nos lembra do consumismo capitalista, encoberta pela caridade religiosa e pelo desejo humanístico de bem-estar. A irritação de não se encaixar no clima pode ser em parte devido à percepção dessas contradições que surgem na época do Natal, mas também atravessa outros momentos do ano.

Ao responder se a música pode incomodar, Taivan, um estudante de 24 anos, descreve sua experiência anterior como funcionário da loja:

*Trabalhei três anos numa loja e a música ora ajudava ora atrapalhava. Se a música fosse lenta, o cliente sentia aquela energia. Se fosse mais emocionante, eles compravam mais e ficavam mais tempo. Sim, tem alguns clientes que pedem para abaixar o volume do som ou mesmo desligar. Era uma boutique multimarcas no shopping e uma das poucas com música. Tínhamos uma playlist e um rádio da Coca-Cola. Era do jovem ao idoso, plus size, LGBT, a loja abraçava todo mundo. Foi complicado porque meu gerente falou que a loja tinha que ter um ambiente legal, descontraído, confortável. Mas percebi que alguns clientes não gostavam quando tínhamos DJ – principalmente durante os eventos, que eram ainda mais barulhentos. Então, era música, festa e isso incomodava muito algumas pessoas. Teve cliente que entrou na loja focado em comprar alguma coisa específica, mas acabou que nem comprou, não entrou (TAIVAN, 03/05/2017).*

Como vendedor, ele estava ciente dos efeitos contraditórios da música de fundo, proporcionando um ambiente agradável para alguns clientes e mantendo outros afastados. O comportamento de compra do cliente é influenciado pela batida da música, bem como pelo seu volume. E ser influenciado não corresponde necessariamente a comprar mais ou sentir-se satisfeito dentro da

loja. A decisão de determinados clientes de simplesmente sair da loja onde o som lhes parece desagradável aparentemente é relativamente frequente. Podemos supor que se trata de um procedimento que não se restringe ao setor comercial, mas que as pessoas aplicam a bares, restaurantes e espaços públicos em geral. Como diz o famoso ditado, "os incomodados que se mudem". De fato, a maior parte das pessoas, quando pode, efetivamente abandona o local, a despeito de quaisquer motivações ou interesses outros que as fizeram ir até lá.

Mas nem sempre se pode. E quando a música incômoda é tocada em sua própria casa?

### Conflitos domésticos

Conflitos domésticos são muitas vezes atravessados pelo som. Apesar de haver uma expectativa de que o "lar" seja um espaço de acolhimento, descanso e de controle, as relações de poder familiares impõem inúmeras ressalvas a essa suposta paz doméstica, expondo conflitos muitas vezes bastante violentos. Ao mesmo tempo, pensar nas dinâmicas de poder domésticas a partir das negociações e embates relacionados ao som e à música revela os diferentes arranjos de coabitação em nossa sociedade contemporânea, alguns deles bastante distantes do modelo familiar típico burguês. Longe do esperado lar silencioso e pacífico, a casa "deve ser ouvida para também carregar dentro de si lutas reprimidas que tornam o lar um local de angústia adolescente, violência doméstica e noites sem dormir" (LABELLE, 2010, p. 65).

Em seu perspicaz ensaio sobre "música ruim", Simon Frith (2004, p. 24) confessa "ficar muito irritado em casa com o hábito de uma criança de tocar os maiores sucessos de Bob Dylan na cozinha – muito alto! – sempre que tiver a chance de fazê-lo". As disputas domésticas sobre música e volume são particularmente frequentes e intensas. Tomemos, por exemplo, a entrevista feita com Alexandre, geólogo de 43 anos, morador de Copacabana junto com sua esposa, filha (19 anos) e filho (14 anos). Quando perguntei a ele sobre conflitos de som em casa, ele descreveu divergências de gosto.

*Há um conflito com as crianças, conflitos de geração. Eles não gostam muito das minhas preferências musicais; exceto quando é MPB ou samba, mas quando é algum rock n roll mais pesado ou algo assim eles se incomodam. Muitas vezes quando eles estão ouvindo aquelas funks pesados que eu não gosto, também tem um conflito de interesses. A gente reclama um pouco mas aceita, cada um no seu tempo. Mas, quando estamos viajando de carro, tem o momento das músicas do Henrique, e aí eu posso estar odiando, mas vamos ouvir. E aí é a minha vez, eu toco minha música, e é a vez deles ficarem quietos (ALEXANDRE, 27/06/2017).*

Conflitos de geração são frequentemente vividos como conflitos musicais. Como está amplamente documentado na bibliografia sobre juventude, a música é um artefato central que produz um sentimento de pertencimento e ideias compartilhadas sobre o mundo entre os jovens, desempenhando um papel muito importante na definição de si mesmos em termos de idade, sexualidade e ética. Diferentes repertórios e atitudes em relação à música estão ligados a algumas práticas de escuta (ouvir alto certos gêneros musicais) que são largamente compartilhadas para serem um elemento do que poderíamos chamar de "estilo de vida juvenil". "Os membros da família (mais notoriamente os adolescentes) marcam seu próprio espaço com sua música – o volume como uma barreira" (FRITH, 2003, p. 103). No entanto, os problemas relatados por Alexandre apontam para negociações de repertório que envolvem toda a família. Como a música é um poderoso dispositivo para mudar o humor individual, expectativas de humor radicalmente diferentes levarão a repertórios e gêneros musicais divergentes, sendo um caminho frutífero para conflitos domésticos. Thomas Turino (2008, p. 93, grifos do autor), em seu livro *Music as social life*, descreve uma situação pessoal semelhante à narrada por Alexandre:

Enquanto dirigíamos para a cidade, meus filhos começaram a brigar. "É a minha vez!", minha filha de doze anos chorou. "É a minha vez; você decidiu da última vez", respondeu meu filho de quinze anos. "Quero ouvir *minha música*", ela insistiu. "Sempre ouvimos *sua música*", ele respondeu, bloqueando com força o movimento dela para controlar o *dial* do rádio. Assim a batalha continuou, as vozes aumentando como se vidas estivessem em jogo.

Segundo o autor, o controle do som era uma forma de reafirmar o eu dentro da família, uma forma de "projetar-se pela casa" (TURINO, 2008, p. 93). Ao enfatizar o movimento dos adolescentes para ocupar o ambiente e reforçar gostos e pertencimentos, Turino (2008) observa que o conflito é uma parte central nessas negociações. Carolina Luz, produtora cultural de 39 anos, recordando seu tempo de infância e adolescência, descreveu longamente em sua entrevista como ela e seu primo mais velho usaram o *heavy metal* e a música *grunge* como uma ferramenta para mostrar sua personalidade e estilo de vida adolescente à avó quando se encontravam em sua casa para o almoço semanal. Segundo ela, a família tinha uma ligação muito próxima com religiões afro-brasileiras e práticas musicais como o *samba* e o *jongo*. Através dos gêneros musicais tradicionais, eles cultivaram um sentimento muito forte de negritude e brasilidade, preenchidos com ideias compartilhadas, valores e sentimentos reforçados pela música e pelos eventos musicais. Ouvir *rock* nesse ambiente em família era um ato de transgressão e desafio.

*Aí o Rafael vinha (no almoço) e falava "vamos ouvir uma coisa". Ouvíamos Iron Maiden. E minha avó dizia "quem é essa pessoa gritando?". Naquela época, aos sete anos de idade, virei headbanger. Por causa do meu primo. Costumávamos cantar "six six six, the number of the beast", e ele demorou pra me explicar o que aquilo significava. Por causa do Iron Maiden eu comecei a ficar muito curiosa com esse negócio de rock, isso não era do gosto da minha família. Ouvir Iron Maiden na hora do almoço incomodava eles. Muito. A gente tentava deixar ligado, mas não tinha muita negociação com a minha vó. Ela só desligava. Nossa música atrapalhava os mais velhos da minha família. Se você me chamar para ir a um show de heavy metal, eu nem vou. Foi realmente um processo de ruptura com o que sempre ouvíamos em casa. E do heavy metal fomos buscar outros tipos de música e outros estilos que faziam nos sentirmos mais confortáveis, digamos assim. Eu gosto de rock. Hoje não ouço mais heavy metal, mas ainda gosto de algumas músicas da era grunge (CAROLINA, 06/06/2017).*

Em suas lembranças, a música proporcionou um meio tanto para ela se compreender como menina quanto para direcionar seus interesses para repertórios e valores não compartilhados

pela família. Apesar das relações de poder indubitavelmente desequilibradas entre os dois jovens e a avó (que, aliás, tirou a música "gritada"), é interessante destacar a forma como ela associa o repertório musical a conflitos familiares que provavelmente não teriam surgido sem ele. Além disso, ela destaca que o *rock* foi um momento de sua vida que serviu de ferramenta para que ela superasse as restrições familiares no que diz respeito à música e, estendendo um pouco mais, a uma percepção mais ampla da vida.

Para além do fosso geracional que se relaciona diretamente com as diferentes posições hierárquicas dentro de casa, os conflitos musicais domésticos revelam desacordos entre indivíduos que nem sempre são trazidos à tona no cotidiano. E, por vezes, apontam para vínculos afetivos entre familiares, como aparece no caso narrado por Quinhan-Chen, musicista chinesa de 26 anos, que vive há três em Edimburgo, lembrando sua infância em Pequim.

*Meu pai cantando! [Um dia,] depois que saímos de um restaurante, meu pai começou a cantar uma música animada e minha mãe disse "como você pode ser tão chato?". Acho que não é que seja muito ruim [o seu canto], mas foi o momento. Eu não posso impedi-lo de cantar. A música que ele canta é como talaltlat. Acho que chamo de chato porque minha mãe chamava de chato, e ela passou para mim, talvez desde que eu estava na escola primária. Ele fez isso para irritar minha mãe. [...] Minha mãe disse "Você pode ficar quieto, acabamos de comer bem, pode simplesmente deixar minha barriga confortável no carro?". [...] É chato mas depende, depende mesmo. Se minha mãe fica feliz com meu pai cantando, tudo bem, mas se ela fica chateada, eu acho chato. Mas não o contrário. Se meu pai fica irritado, não me importo. Devo estar mais ligada à minha mãe. É tão infantil ele fazer isso. Meu pai não consegue deixar de fazer sons o tempo todo, e isso é chato, e ele fica fazendo barulho toda hora (QUINHAN-CHEN, 09/09/2017).*

Em suas memórias, o canto irritante de seu pai mostrava não apenas um desentendimento "infantil" entre seus pais, mas também sua ligação mais próxima com sua mãe. De acordo com sua descrição afetiva, o comportamento supostamente irritante do seu pai era intencional e visava irritar a esposa, possivelmente funcionando como um dispositivo para negociar tensões entre eles. Além

disso, a maneira como ela relembra esse conflito aponta novamente para a ideia de adequação. Depois de uma boa refeição num restaurante, presos dentro do carro, a música poderia ser um elemento intrusivo a estragar a harmonia familiar. Mas a sua interpretação vai para além do carro no momento em que o barulho da música do pai é descrito como elemento constante de perturbação em casa, pois ele "fica sempre a fazer barulho". O que a princípio foi narrado como uma situação pontual desagradável se transforma em uma interpretação sobre o caráter do pai, revelando possivelmente conflitos mais profundos nas relações entre ambos. O incômodo era, portanto, agravado, pois era sentido pela mãe como uma falta de respeito ao momento e ao outro.

Músicos frequentemente vivenciam negociações agudas em casa. Uma vez que o aprendizado do instrumento requer um tempo considerável para emitir sons que não são exatamente agradáveis ao ouvido de ninguém, a prática doméstica pode ser um elemento perturbador. Belen, professora de música e clarinetista espanhola de 34 anos, faz uma narrativa interessante sobre sua adolescência aprendendo o instrumento.

*Lembro da minha irmã quando eu tocava clarinete em casa, quando praticava. Porque eu tinha que estudar todo dia e era meio que um pesadelo pra ela. "Outra vez tocando clarinete, não, por favor!". Eram notas longas como tuuuuu, e era um pouco irritante para ela. Minha mãe dizia "ela tem que tocar clarinete". Eu tinha uma sala separada para praticar, mas nossas casas não são à prova de som, e você está tocando e o outro pode ouvir perfeitamente. [...] Normalmente esses exercícios são exercícios técnicos, muito repetitivos, e são mesmo muito chatos de se ouvir (BELEN, 07/08/2017).*

Sua história revela como a gestão do som nas relações domésticas está ligada às relações de poder. O desentendimento entre as irmãs foi resolvido com a intervenção da mãe, que impôs o direito de Belen tocar clarinete. Este caso reforça que a ideia idealizada de casa como espaço de abrigo e segurança contra a rua barulhenta e perigosa está longe de ser verdadeira em todas as situações. Os conflitos dentro de casa são o tecido cotidiano das relações familiares e fazem parte dessa sociabilidade pública íntima

primária. Dentro de nossas casas, as hierarquias são tensionadas e negociadas diariamente, em muitos casos com disputas sonoras. Dentro de uma família estruturalmente "convencional", os adultos costumam ter mais poder para impor seu som aos demais da casa, dependendo de como essas negociações são feitas. Mas isso não é tão simples. Se pensarmos nas relações cruzadas em toda família, várias hierarquias aparecem e são desafiadas em cada situação, de acordo com momentos, humores e disposições. Isabel lembra-se de um desentendimento familiar regular sobre música na celebração anual do Natal (de novo!).

*Todo Natal minha família brigava por causa da música. Era na casa da minha vó, ela reunia todo mundo. Quatro irmãs e seus maridos ao lado de seus filhos, todos eles costumavam ir para lá. Eu tinha uma tia que era muito animada e sempre colocava o Roberto Carlos pra tocar, que sempre era o disco que ele acabava de lançar no Natal. Ela colocava o som no máximo e cantava junto para a gente dançar, mas tinha um tio rabugento que não queria. Outra tia deixava a TV ligada e não ouvia. E sempre se transformava em briga. A lembrança mais viva que temos do Natal na casa da minha avó são essas brigas. Hoje em dia não tem mais briga, porque minha tia divertida mora em Brasília e não vem mais passar o Natal no Rio. Mas era divertido, essa coisa de tocar música e todo mundo dançar, era muito bom (ISABEL, 08/07/2017).*

Nas reuniões familiares mais amplas, algumas preferências incompatíveis, sentimentos passados, brigas e feridas não curadas entre os familiares podem aparecer e ser elaborados por meio de gostos musicais. Mais uma vez, a discordância é sobre quem terá ou pode ter o controle para definir o clima adequado do momento, seja em uma festa de Natal ou em uma manhã regular de domingo. Quando as hierarquias de poder não estão muito bem definidas, a disputa pode ser mais intensa e explosiva.

É precisamente o que acontece em outras situações de coabitação, onde as assimetrias de poderes podem ser menos evidentes e, como tal, mais susceptíveis de desencadear conflitos. A partilha da mesma casa implica a partilha de vários hábitos íntimos que podem eventualmente ser sentidos como invasivos, inapropriados ou indesejados por outras pessoas com quem se

convive. Isso inclui hábitos de limpeza, cardápios, preferências de entretenimento, horários e, é claro, práticas de som e música. O ator inglês Diego, de 27 anos, descreve seu incômodo mesclando tanto o som do vizinho de fora quanto a música do quarto ao lado. Questionado se a música pode incomodar, ele respondeu o seguinte:

*É perturbador se a música estiver alta, se um vizinho estiver ouvindo uma música que eu não estou a fim de ouvir, seja lá o que for. Ou mesmo aqui no hostel. Eu moro em um albergue, é uma casa compartilhada, e às vezes alguém coloca uma música bem alta, talvez para mostrar sua personalidade roqueira, sei lá. Mas eu não quero ouvir aquele rock, e isso me incomoda muito, mesmo que seja uma música que eu goste (DIEGO, 12/12/2017).*

As negociações sobre som e música em um local como um albergue ou apartamento coletivo tendem a ficar mais difíceis quando seu nível de intimidade com outros moradores diminui. Aidan, estudante inglês de 20 anos, relata uma situação muito dramática que muda todo o seu planejamento diário em uma tentativa de evitar incomodar sua colega de apartamento.

*Agora estou aprendendo citara e uma das minhas colegas de apartamento me proibiu de tocar durante todas as horas que ela está em casa. Eu tenho que mudar meu dia para tocar quando ninguém mais está em casa. O que é realmente irritante. Eu fico com raiva desse tipo de coisa. Para mim, não me incomoda com alguém tocando música no mesmo prédio ou sala em que estou, porque acho que é uma coisa muito boa tocar música. Porque eu sei o quão espiritual para mim é fazer isso. Então eu não quero impedir ninguém de fazer isso. Eu entendo que minha colega de apartamento não tem esse histórico, talvez não se relacione com a música da mesma forma que eu, obviamente. Procuo ficar em paz com a minha vida ao redor porque não vou me mudar tão cedo. Eu respeito essa pessoa. Eu não quero ser desrespeitoso. Eu quero estar em casa. Isso significa que, se eu estiver em casa, gostaria de tocar música. Eu gostaria de ter uma conversa com ela sobre isso. Eu estava tocando uma noite e ela bateu na minha porta e disse "você tem que parar, é tarde demais". Eu fiquei tipo "ok". Ela mandou uma mensagem para o chat em grupo e disse "sem música depois das oito". E eu disse "ok, isso é razoável". E eu estava tocando quando ela estava em casa um dia, e eram cinco da tarde, e ela veio até a minha porta. Na verdade, eu deixei a janela aberta, então ela usou a janela como pretexto e disse "não deixe a janela aberta porque está congelando a casa". E ela disse: "Mas você também pode parar de tocar*

*agora porque estou em casa". Ela foi tão rude. Como se ela tivesse me dito para calar a boca, é como "cale a boca", muito rude do jeito que ela falou (AIDAN, 25/11/2017).*

Nesse caso, o conflito irrompe da música, mas o relato de Aidan foi um dos poucos que registrei que não foram da pessoa incomodada com a música, mas da pessoa que estava causando o incômodo. Essa inversão revela como os conflitos em situações domésticas são um terreno fértil de negociações inter-humanas. Provavelmente a colega de apartamento de Aidan acha que ela tem o direito de exigir um ambiente tranquilo em casa, e o som da citara de alguma forma a perturba. Em sua perspectiva, ela ouve a citara como uma intrusão em seu lugar íntimo, e se irrita com o inconveniente de Aidan tocar em casa. Podemos especular que ela não está apenas irritada com o vazamento de som em si, mas também com o tipo de música que está sendo ouvida à força. Por outro lado, Aidan relata um misto de sentimentos que vai da decepção à raiva. Ele se sente constrangido por ela e também se sente desrespeitado não só pela repetida intolerância ao seu instrumento, mas também pela forma como ela reclama disso.

O que os conflitos domésticos relacionados ao som revelam de modo transparente é que o controle do ambiente sonoro é um demarcador de poderes e um vetor de negociações de relações interpessoais. Por vezes, pequenos incômodos podem ser tolerados ou relevados, como no caso das negociações nas viagens familiares de carro relatadas por Alexandre e por Turino (2008). Mas isso está entrelaçado com possibilidades de vínculos afetivos capazes de transcender o incômodo momentâneo em negociações bastante complexas. Em outros casos, porém, a música se torna um elemento que se impõe e intensifica tensões de relações interpessoais, explicitando hierarquias de poder que se tornam muitas vezes opressivas. A opção de sair do espaço físico onde uma música ambiente incômoda está sendo tocada ou de negociar uma modulação de volume ou até de desligar a fonte sonora nem sempre está disponível. Em casa, por exemplo, o conflito muitas vezes é inevitável.

## Finalizando

A presença de música ambiente em diversos espaços de convívio social aumentou exponencialmente nas últimas décadas, sobretudo pela popularização de aparelhos reprodutores de áudio compactos e de grande capacidade. Atualmente, é relativamente raro frequentarmos bares, restaurantes, lojas ou supermercados sem ouvir gravações musicais, em alguns casos acompanhadas de publicidade. Mesmo em nossas casas, a disponibilidade técnica de aparelhos relativamente baratos de reprodução permite uma sobreposição de sons eletrônicos oriundos de TVs, rádios e diversos tocadores de áudio. Ainda que haja uma aguda proliferação do uso de fones de ouvido, o que de certa forma induz a uma presença ubíqua de música individualizada, os ambientes públicos são quase sempre ocupados por música.

O que buscamos apontar aqui é que essa presença ostensiva de música costuma ser tomada como uma particularidade de nosso tempo e avaliada em termos genéricos como positiva. Ou seja, gestores de lojas, restaurantes, bares e cafés recorrem à reprodução de música como uma forma de tornar o ambiente mais agradável. É importante pensar que a música em tais ambientes nunca é uma ocorrência sonora exclusiva, mas sempre integra uma sincronia de outros sons que incluem ruídos urbanos variados (que penetram nos espaços fechados pelas portas e janelas) e especialmente sons de máquinas e de conversas entre indivíduos que compartilham o espaço. É, muitas vezes, no esforço de direcionar corpos e sentidos que a música é adicionada ao ambiente, tanto para minimizar as sonoridades duras e caóticas de pessoas e máquinas que compõem o complexo acústico das cidades, quanto para aplicar à experiência interna de um espaço físico algum tipo de organicidade simbólica proporcionada pelos sentidos compartilhados de certos repertórios musicais.

Porém, nesse emaranhado de sonoridades concorrentes, nossos corpos são sintonizados pelas batidas regulares da música e das máquinas, e podem, eventualmente, entrar em conflito

com desejos, preferências estéticas ou motivações. Particularmente no caso da música, a "organização dos sons" (BLACKING, 1995, p. 245) proposta por determinada obra musical implica em reconhecimento de padrões sonoros (ritmos, timbres, combinações, mensagens nas letras, estilos vocais) que ativam interpretações cognitivas subjetivas e sociais. Se essas interpretações estiverem em desacordo com nossas visões de mundo e preferências estéticas, o que ocorre é uma intensificação da sensação de desagradado, diametralmente inversa aos projetos dos gestores de tais espaços.

As entrevistas realizadas com diferentes perfis identitários de pessoas (com certo equilíbrio entre os sexos, classes, ocupações, graus de instrução, idades, naturalidade etc.) revelou que há modos de reagir a experiências incômodas de música ambiente que se relacionam com disposições estéticas e expectativas sonoras. Assim, se vamos a uma festa, imaginamos um tipo de experiência sonora de alto volume e intensidade, articulada com um repertório musical mais ou menos previsível de acordo com o perfil da festa. Isso, evidentemente, não garante que não ficaremos incomodados nas quatro ou cinco horas (ou mais) de exposição da sonoridade da festa, mas é um elemento de previsibilidade. No caso, quase sempre é possível ir embora se o ambiente se torna sonoramente hostil. Similarmente, quando vamos a um restaurante, bar, loja ou entramos em um supermercado, a duração da experiência pode ser relativamente controlada, ainda que possa causar profundo incômodo e irritação. Nos casos de experiência sonora desagradável em casa, a "solução" nem sempre é tão simples.

O que buscamos desvelar nesse texto é que o incômodo musical experimentado em qualquer ambiente físico está relacionado a relações de poder configuradas com os agentes que controlam o som e o espaço. Há casos em que uma mediação positiva pode ser feita, como o caso do barco relatado por Anthony, que foi eficaz ao solicitar que a música fosse desligada. Em outras situações, contudo, a tolerância pode ser uma chave para a administração de

hierarquias de poder que se impõem de modo rígido, sem margem para negociações. Há ainda momentos e situações nas quais a música se torna um elemento que deflagra embates, brigas e tensionamentos, que normalmente estão reverberados em outras tensões interpessoais prévias, mas que são detonadas pela experiência musical (como no caso das músicas de Natal na família de Isabel).

Se podemos fechar este artigo com algum tipo de conclusão, o que as entrevistas apontam é a necessidade de repensarmos o modo como a música ambiente integra as experiências de espaços fechados, levando em consideração o poder da música em condicionar funcionamentos corporais e ativar simbologias específicas que podem estar em dissonância com as visões de mundo de alguns frequentadores. Talvez essa seja a principal força da experiência musical, e também seu aspecto mais delicado e explosivo.

## Referências

- ARENI, Charles; KIM, David. Influence of Background Music on Shopping Behaviour. **Advances in Consumer Research**, [s.l.], v. 20, 336-340, 1993.
- BECKER, Judith. **Deep listeners: music, emotion and trancing**. Bloomington: Indiana University Press, 2004.
- BLACKING, John. **Music, culture and experience**. Chicago; London: Chicago University Press, 1995.
- CRUICKSHANKS, Karen *et al.* Prevalence of hearing loss in older adults in Beaver Dam, Wisconsin. **American Journal of Epidemiology**, [s.l.], v. 148, n. 9, 879-886, 1998.
- DENORA, Tia. **Music in everyday life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- FRITH, Simon. Why Does Music Make People So Cross? **Nordic Journal of Music Therapy**, [s.l.], v. 13, n. 1, 64-69, 2004.
- FRITH, Simon. Music and everyday life. In: CLAYTON, Martin; HERBERT, Trevor; MIDDLETON, Richard (ed.). **Cultural study of music**. New York; London: Routledge, 2003, p. 92-101.
- KASSABIAN, Anahid. **Ubiquitous listening**. Berkley; Los Angeles; London: University of California Press, 2013.
- LABELLE, Brandon. **Acoustic Territories**. New York; London: The Continuum International Publishing Group, 2010.
- LANZA, Joseph. **Elevator music**. London: Quartet Books, 2004.

NORTH, Adrian; HARGREAVES, David; KRAUSE, Amanda. Music and consumer behavior. *In*: HALLAM, Susan; CROSS, Ian; THAUT, Michael (ed.). **Oxford Handbook of Music Psychology**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 789-802.

TROTTA, Felipe. **Annoying music in everyday life**. New York; London: Bloomsbury, 2020.

TURINO, Thomas. **Music as social life: the politics of participation**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2008.

---

## Felipe Trotta

Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Pesquisador da FAPERJ e do CNPq, é Doutor em Comunicação e Mestre em Musicologia. Foi presidente da IASPM-AL (2020-2022) e é autor de diversos artigos sobre música e sociedade. Seu mais recente livro intitula-se *Annoying Music in Everyday Life* (Bloomsbury, 2020).

---

## Endereço para correspondência

Felipe Trotta  
Rua Cinco de Julho, 375, ap. 1001  
Icaraí, 24220-110  
Niterói/RJ

*Os textos deste artigo foram revisados pela  
Texto Certo Assessoria Linguística  
e submetidos para validação dos autores  
antes da publicação.*